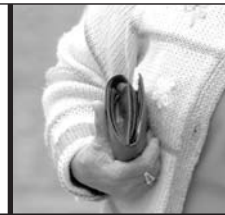


A recuperação dos prédios do Núcleo Histórico de Santa Maria, a implantação do Jardim do Almirante Reis e a estação do teleférico, trouxeram a esperança de que o roubo e a droga seriam erradicados a termo, da zona velha da cidade. Muitos ainda vivem com o medo.



É uma relação mista de respeito e misericórdia, a que existe entre os gatunos e os moradores da zona velha da cidade. Não os da nova zona velha, mas pessoas como Olga Nascimento que ali mora há décadas na Travessa da Amoreira, uma das perpendiculares da rua dos Barreiros. "Mais vale pedir que roubar", é assim que os indivíduos começam o peditório. «Mas quando eu não dou dinheiro começam a "resondar"», relata, com ligeira ternura, o comportamento dos "meninos". Quando a ressaca se torna insuportável, o pacto com os velhos, amigos ou familiares, quebra-se instantaneamente. Surgem os assaltos.



Depois do roubo, a transacção dos valores furtados e o "acerto" das doses a traficar têm lugar marcado na esquina entre as ruas da Boa Viagem e a de Santa Maria, entre as tascas e a um pé das sapatarias. Consolidar o flagrante delito para poder deter é o mais difícil para a Polícia. Segundo populares, «mesmo que eles vão ali cima ao posto, podem levar uns açoites, mas daqui a pouco vêm para a rua outra vez».



Atacam os transeuntes de surpresa e, sob ameaça, arrastam-nos para os becos, onde descarregam a sua ira pelo pesado fardo do vício que carregam. É a soco e pontapé que se apoderam dos bens das vítimas. Depois colocam-se em fuga. «O problema é a droga. Eles não comem. A pior doença que pode haver é isto... eu cá já vi eles a vomitar e a se esticar. Eles vão tomar a droga e ficam bons num instante», relata quem vive tudo isto de perto.

«Pedro, o Xavelha», «Titinhas», «Faniquita», «Rui, o Preto» ou o «Profeta», são bem conhecidos pelos crimes que perpetuam na baixa da cidade. Dominam as casas devolutas e partem tudo. Saem do «covil» e deambulam pelas ruas da baixa, pelos centros comerciais e lojas, espreitando nas caixas Multibanco. Mas a heroína e a ressaca do vício vai derrotando diariamente esses indivíduos que se balanceiam pelas ruas. E a «droga dos pobres» escasseia, a avaliar pelas quantidades apreendidas. Só no ano passado, a PSP retirou do mercado 1,8 quilos daquele pó, a maior quantia apreendida nos últimos 5 anos.

#### «VOCÊS QUE ROUBEM, MAS NÃO BATAM!»

É uma relação mista de respeito e misericórdia, a que existe entre os gatunos e os moradores da zona velha da cidade. Moradora há mais de 60 anos na Travessa da Amoreira, uma das perpendiculares da rua dos Barreiros, Olga Nascimento, de 71 anos, tem oito filhos e dois já lhe trouxeram a amargura: a morte aos 29 anos de José Luís, futebolista do Sporting da Madeira; e o filho de 45 anos, que foi levado pelas teias da droga e está a ser

sujeito a uma lenta desintoxicação. Compreende, por isso a agonia dos «ressacados» que lhes batem à porta.

«Mais vale pedir do que roubar» é com esta máxima que iniciam o peditório em apelo à caridade dos velhos. «Dos que vêm roubar, nenhum é daqui da zona velha, é tudo de fora! Eles chegam aí cheios de fome! Aquilo que eles roubam não dá sequer para comprar droga!». Vêm da Camacha, do Monte e de Câmara de Lobos, mas «os maiores estão já quase todos presos». Mas as penas são curtas e, de uma hora para a outra, tudo volta à estaca zero. «Basta que saia um para que a febre volte».

Como a crise quando nasce é para todos, nem sempre há possibilidades para apoiar. «Quando eu não dou dinheiro começam a "resondar"», relata com uma ligeira ternura, o comportamento dos "meninos". «Eles levam eles para aí, para esses cantinhos, roubam carteiras e fogem». Os indivíduos atacam os transeuntes na surpresa e, sob ameaça, arrastam-nos para os becos, onde descarregam a ira pelo pesado fardo que carregam - o vício. É a soco e pontapé que sentenciam a resistência das vítimas e se apoderam dos seus bens. Depois colo-

cam-se em fuga.

«O problema é a droga. Eles não comem. A pior doença que pode haver é isto... eu cá já vi eles a vomitar e a se esticar. Eles vão tomar a droga e ficam bons num instante», lamenta.

Quando a ressaca aperta, não se fazem rogados e até assaltam as moradias dos velhotes. Olga Nascimento pôs um cadeado nos tapassóis depois de lhe terem «limpo a casa», enquanto foi ao supermercado. Enaltece o apoio e a atenção das «auxiliares da AMI». Mas a droga é um inferno sem fim. «A gente vê eles aí à maluca sempre com pastilhas: olha, vocês que vão para outro sítio, aqui eu não quero! Eles roubam mesmo à frente da nossa vista que eles nem sabem o que estão fazendo». Procuram dinheiro e bens de valor para trocar no mercado negro. «Às vezes ouve-se gritar e a gente vem à rua e diz - vocês que roubem mas que não batam! Ainda há dias saiu dali um senhor todo lascado de cima a baixo». À recomendação, os "meninos" respondem: «Ah senhora esteja calada, vá para dentro ver televisão!».

«Isto agora está meio cativado, porque o Gaspar (o agente da Brigada Anticrime) andou aí - o melhor polí-

cia era ele».

#### AS VÍTIMAS DA «MEIA BOLA E DO VINHO SECO»

Débeis pela derrota que a droga lhes impõe diariamente, os gatunos da zona velha metem-se hoje com indivíduos à sua altura. São «geralmente pessoas do campo já um bocadinho alcoolizadas», explicou à reportagem do DIÁRIO mais um anónimo que pediu sigilo, porque «eles andam aí o dia todo».

As notas de dinheiro embrulhadas em papel e apanhadas por elásticos, guardadas no bolso das calças ou da camisa, acabam por desaparecer «entre os copos de vinho seco e as meias bolas». Mas a exibição de quantias apreciáveis de dinheiro é motivo suficiente para uma emboscada. Na rua do Hospital Velho e na rua de Latino Coelho, eram raras as noites em que lavradores e comerciantes não eram roubados pelos toxicodépendentes, nas manhãs de pagamento e de maior transacção de bens no Mercado. «A gente anda aqui com medo. Quantos e quantos têm marmado aí...».

O ciclo vicioso não é novo. «O problema aqui são os toxicodépen-

dentes, e eles como não trabalham, têm vida fácil, é roubar enquanto podem». O trabalho da PSP mereceu um reparo: «mesmo que eles vão ali cima ao posto, podem levar uns açoites, mas daqui a pouco vêm para a rua outra vez».

#### ANOITECER É A HORA DAS «PALHINHAS»

Na Travessa da Malta, onde há dias um transeunte foi esfaqueado durante um roubo, Maria Carvalho, de 56 anos, caminha em passo apressado, com ouro a luzir nos dedos e em torno do pescoço. Não tem medo? «Eu não me meto em lugares muito escuros, que eu cá não sei». Esteve 21 anos emigrada na África do Sul e já tem a «escola» toda em matéria de prevenção de crimes. «Aquilo lá é bonito! Isto também depende muito da forma como a gente reage. Eu vou sempre de olho à frente e pé atrás, à espera do que me possa surgir. E tem que ser assim sabe?». Evitar as zonas mal iluminadas e as casas de banho subterrâneas, por exemplo. «Quando eu me vejo no Funchal a partir das 6h00 da tarde, eu já não me sinto bem e quero mas é estar nas minhas palhinhas».